



Trevor-Roper, arrependido: "Foi minha culpa"

ALEMANHA OCIDENTAL

## A farsa da Stern

Peritos atestam: os diários de Hitler são falsos

**T**emos motivo para nos envergonhar diante de nossos leitores. Fomos ludibriados." Perplexo, acotovelado entre repórteres e câmaras de televisão, o editor Henri Nannen, da revista alemã *Der Stern*, remoja em público na manhã da última sexta-feira, em Hamburgo, a sua espetacular confissão: os "diários de Hitler", estrondosamente anunciados duas semanas antes pela revista, são falsos. Bastou que ela entregasse três dos sessenta volumes atribuídos ao Führer a peritos do Departamento de Criminalística do Ministério do Interior, em Wiesbaden, para que a acirrada polêmica em torno da autenticidade dos diários secretos chegasse a um amargo fim: um exame inicial do papel, do lacre e da corda que fechava os livros revelou que eles são recentes, e que as 50 000 palavras de Hitler foram apenas uma hábil montagem. "O que nos resta fazer", redimia-se Nannen, "é contar exatamente a história e dizer quais pessoas nos enganaram." E, naturalmente, suspender a publicação dos diários, cujo primeiro capítulo acabara de chegar às bancas.

A frase de Nannen sugere que o episódio, agora, pode decolar em sentido exatamente inverso. De fato, assim que a entrevista terminou e um silêncio mortal baixou sobre o moderno prédio da *Stern*, junto ao Lago Alsten, bem no coração de Hambur-



O falso diário na Stern: um erro que custou 8 milhões de dólares

go, a revista começava a pagar pelo que é, de longe, o mais trágico erro jornalístico de que se tem notícia na história recente da imprensa mundial. O que restou nas mãos de seus diretores não passa na verdade de um ambicioso plano de falsificação histórica pelo qual foram pagos 8 milhões de dólares ou 3,7 bilhões de cruzeiros. Não apenas a *Stern*, com seu 1,8 milhão de leitores, mas outros jornais e revistas arrastados na empreitada se empenham agora em apurar quem escreveu e quem negociou os textos, que prometiam reformular a história do nazismo e da II Guerra Mundial. Principalmente, querem saber por quê. De Viena, na Áustria, o conhecido caçador de nazistas Simon Wiesenthal antecipava sua opinião. "Os diários", sustentou ele, "serviriam para reabilitar Hitler e permitir uma nova leitura da história do Holocausto."

**RECUPERAR OS DANOS** — O naufrágio dos diários foi uma operação relativamente rápida. Ao constatar que sua própria palavra não bastava — afinal, mesmo as publicações que se dispunham a republicá-los manifestavam exaustivas cautelas quanto à autenticidade dos documentos — a revista se dispôs a levar alguns volumes a Wiesbaden, onde peritos em análises químicas dispõem de sofisticados laboratórios no Departamento de Criminalística. "Vimos logo que era uma falsificação", disse a VEJA o químico Louis Ferdinand Werner. "Descobrimos no material substâncias que só foram produzidas depois da guerra — uma delas só apareceu no mercado depois de 1955."

Já na véspera do anúncio oficial da fraude, recebendo informações de seus repórteres na Alemanha, o *Sunday Times* de Londres, que comprara por 400 000 dólares os

direitos de divulgá-los, parava subitamente as máquinas que imprimiam o suplemento dominical com o primeiro capítulo — tinham sido rodados 265 000 exemplares, de um total de 1,3 milhão. Ao primeiro sinal de que o material fora desmascarado, a direção do jornal britânico apressadamente preparou um outro suplemento. "Agora vamos tentar receber a metade do dinheiro que já adiantamos à *Stern*" (200 000 dólares), pondera um de seus diretores, Arthur Britenden.

Os peritos de Wiesbaden deram peso científico a uma opinião que, entre os historiadores, já parecia predominar: a de que dificilmente Hitler, avesso ao hábito de escrever, teria mantido um diário em segredo por treze anos. "Se ele escreveu um diário", resumia há dias seu ex-camareiro Heinz Linge, "só pode tê-lo feito no banheiro." Os pesquisadores do Arquivo Federal, em Koblenz, constataram também que o falsificador copiou trechos inteiros de um livro também inventado, e publicado em 1963 — *Hitler: discursos e proclamações* —, de Max Domarus, dois volumes que somam mais de 1 000 páginas. "Nos dias em que não há anotações nesse livro", recorda Hans Booms, chefe do arquivo, "também não há nada no diário." Em Londres, onde de início jogou o peso de seu nome atestando a autenticidade dos papéis, o renomado historiador Hugh Trevor-Roper penitenciou-se de público. "Eu tive culpa", confessou ele em meio a rumores de que renunciará à sua cadeira no Conselho de Diretores da empresa que edita o *Sunday Times*. Quanto à figura central da descoberta dos diários, o jornalista alemão Gerd Heidemann, ele achou prudente desaparecer por uns tempos — e não é certo que volte à folha de pagamentos da *Stern*. ●